



“Tudo o que tenho de fixo na vida é meu celular”:

Os celulares como âncoras da identidade dos jovens nômades urbanos

Ana Maria Nicolaci-da-Costa

Departamento de Psicologia

PUC-Rio

Introdução

Dentre as principais características da era contemporânea (muitas vezes chamada de pós-moderna)¹ destacam-se a aceleração-limite do tempo (a instantaneidade) e os novos espaços virtuais gerados pelas recentes tecnologias da informação e telecomunicação. Nestes espaços transita incessante e instantaneamente tudo aquilo que é imaterial.

¹ Ver, por exemplo, Bauman (1997), Eagleton (1996), Jameson (1991).

Não é, no entanto, somente no espaço virtual que tudo se tornou mais veloz e convidativo à movimentação constante. Sofisticadas e cada vez mais acessíveis redes de transporte bem como a crescente derrubada das fronteiras e barreiras que separavam nações e outras divisões geopolíticas também imprimem movimento àquilo que é material, inclusive às pessoas.

Tudo isso resulta em um processo de integração e fusão de espaços, áreas e experiências que eram distintas na era moderna e, conseqüentemente, naquilo que foi chamado de globalização.

Segundo Meyrowitz (1999):

“Todo sistema natural e social é definido por suas membranas – aquilo que separa o que ‘ele é’ daquilo que ‘ele não é’. Do organismo mais simples ao incrivelmente complexo ser humano, de uma gangue a uma corporação, as fronteiras entre o interior e o exterior são características básicas.” (Meyrowitz, 1999, p. 45, minha tradução)

Na era moderna, as membranas que separavam aquilo “que era” daquilo que “não era” eram relativamente impermeáveis. Já na contemporaneidade esse quadro mudou. Em contraste com a relativa impermeabilidade das membranas do período moderno, Meyrowitz afirma que:

“Uma característica central da nossa era global é uma crescente permeabilidade da maior parte das fronteiras físicas, sociais, políticas, culturais e econômicas. Isto é, as membranas naturais ou produzidas pelos homens estão, em sua maioria, se tornando porosas, às vezes tão porosas a ponto de desaparecer funcionalmente.” (Meyrowitz, 1999, p. 45, minha tradução)

Esta percepção encontra eco na análise que Deleuze & Guattari (1997) empreendem do período contemporâneo. Estes dois analistas contrastam o que chamam de “espaço liso”, característico da organização social dos dias de hoje, com o “espaço estriado”, que predominou na organização social do período moderno. Afirmam que o espaço estriado, como um tecido com suas tramas verticais e horizontais, é bem demarcado e sedentário. Por essa razão, elegem-no como emblemático da organização e funcionamento sociais característicos do período moderno, marcados que estes eram por barreiras, fronteiras e divisórias nítidas – entre espaços, áreas, saberes, etc. –, bem como por processos seqüenciais e hierárquicos relativamente claros e firmemente estabelecidos.

Já o espaço liso, de acordo com esses dois autores, se assemelha ao feltro. Não tem demarcações, é *nômade* e é, por isso mesmo, perfeito como metáfora para o período atual. Isso porque, tal como Meyrowitz, Deleuze e Guattari afirmam que, neste período,

praticamente todas as demarcações e hierarquias do período moderno caem por terra. Ainda segundo eles, essa incessante derrubada de fronteiras, barreiras e hierarquias dá origem a um novo espaço, desta feita liso. Neste, impera uma *dinâmica fluida na qual tem posição de destaque tanto a movimentação constante de bens materiais e imateriais quanto a circulação permanente de pessoas* (os novos nômades).

Outro autor que se detém na análise do período atual é Bauman (2001). Também para ele a modernidade clássica “parece ‘pesada’ (contra a ‘leve’ modernidade contemporânea)... ‘sólida’ (e não ‘fluida’, ‘líquida’ ou ‘liquefeita’)...” (p. 33). Mas isso não resume as observações e reflexões de Bauman sobre a movimentação contemporânea, principalmente aquela que diz respeito às pessoas (que é a que nos interessa aqui). Segundo ele *todos estão sempre em movimento*, mas a mobilidade é diferenciada (Bauman, 1997, 1999). Divide os habitantes do mundo em turistas e vagabundos, que se movem por razões diferentes. Os privilegiados turistas, membros da elite global, tornam-se andarilhos porque acham o mundo ao seu alcance irresistivelmente atraente. Já os vagabundos das classes trabalhadoras se movem – ou melhor, migram – porque acham o mundo ao seu alcance insuportavelmente inóspito (Bauman, 1999, pp. 100-101). Em outras palavras, Os primeiros se movem em busca do prazer e da liberdade, já os segundos em busca de melhores oportunidades de vida.²

Sem tentar fazer uma revisão exaustiva de todos os que se pronunciam sobre a movimentação de pessoas na contemporaneidade,³ cabe agora perguntar quais as principais manifestações dessa mobilidade e o que torna essas manifestações possíveis.

Condições de possibilidade da movimentação física de pessoas

Augé (2001) é outro autor que toma a movimentação contemporânea – pelo menos a física – como objeto de estudo. Afirma que, tal como previa McLuhan (McLuhan & Powers, 1986), o mundo encolheu na medida em que o espaço está sendo aniquilado pela velocidade e instantaneidade das diversas formas de transporte e telecomunicação atuais. Os meios de transporte são cada vez mais rápidos e aproximam lugares distantes em cada vez menos tempo; os satélites e espaçonaves conquistam o espaço ao redor da terra; as

² Bauman (1999) não se refere a nômades porque acha que o uso desse termo obscurece o acesso diferencial à mobilidade.

³ Ver, também, entre outros, Sennett (1998), Virilio (1993), Almeida & Tracy (2003), Castells (2000).

referências “energéticas e imaginárias” (p. 36) – a exemplo das imagens transmitidas por satélites que dão visão instantânea de acontecimentos distantes – se multiplicam. Essa superabundância espacial, por sua vez, gera consideráveis modificações físicas, como as transferências de população (migrações ou novas formas de nomadismo) e a proliferação de “não-lugares”.

“Não-lugares” são aquelas “instalações necessárias à circulação das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos)” (Augé, 1997, p.36), os próprios meios de transporte, os grandes centros comerciais, os aeroportos, as estações rodoviárias, as redes de hotéis, etc. Em outras palavras, os “não-lugares” são aqueles espaços pelos quais circulam os nômades contemporâneos. São anônimos e impessoais, mas têm referências globalmente significativas e globalmente compreensíveis (mesmas marcas de bebida, de comida, de companhias de aluguel de carros, de redes de hotel, etc.). Segundo Augé, os “não-lugares” proliferam com rapidez. Essa proliferação, por seu turno, é um excelente indicador do incremento da circulação física de pessoas ao redor do mundo.

Condições de possibilidade da movimentação *virtual* de pessoas

Falar de uma movimentação virtual de pessoas pode parecer um contra-senso, mas não é. Refere-se a um tipo de movimentação, muito comum a partir do advento da Internet, no qual as pessoas viajam ao redor do mundo, entram em contato com outras nos mais diferentes recantos do planeta, com elas participam de videoconferências, grupos de ajuda mútua e congêneres, trocam correspondência, tudo isso à frente da tela de um computador.

A possibilidade desse tipo de circulação de pessoas, diferentemente da movimentação *física* destas ou da movimentação *virtual de tudo que é imaterial* (capital, poder, informação, etc.), embora aludida nas obras de alguns dos autores, como Bauman, mencionados nas seções anteriores, é analisada principalmente por aqueles intelectuais que se dedicam a investigar os impactos sociais e pessoais gerados pelas novas tecnologias da informação. Dentre eles, destaca-se Castells (2000a e b). É dele a seguinte afirmação: “A revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede” (Castells, 2000b, p. 17).

Essa sociedade é caracterizada pela globalização das atividades econômicas e por vários outros aspectos. Dentre eles, tendo em vista os propósitos da presente discussão,

cabe destacar: (a) a emergência de “... uma cultura da virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado”, e (b) “a transformação das bases materiais da vida – o tempo e o espaço – mediante a criação de um espaço de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades das elites dominantes” (Castells, 2000b, p. 17) .

A principal manifestação desse espaço dos fluxos, que está além das leis da física (Wertheim, 2001; Lévy, 1998), é certamente a Internet. Nela, não há fronteiras nem barreiras. Uma vez conectados, podemos viajar livremente de um canto para outro do mundo sem qualquer necessidade de deslocamento físico, documentos, roupas apropriadas, etc. (Nicolaci-da-Costa, 1998).

Condições de possibilidade de *movimentação física com contato virtual*

O advento da telefonia celular introduziu uma terceira possibilidade de deslocamento de pessoas na contemporaneidade, o deslocamento físico que incorpora o contato virtual móvel.

Os celulares são multifuncionais (desempenhando as funções de agendas, despertadores, cadernos de endereço, câmeras fotográficas, gravadores, etc.). Possibilitam inclusive o acesso à Internet. Mesmo assim, o uso mais freqüente dado aos celulares é o da comunicação constante, mas breve, que enfatiza seu poder de conectar diferentes pontos do espaço físico independentemente da distância entre eles.

Excelentes exemplos desta capacidade de conexão são dados por Rheingold (2003), em um dos primeiros livros a discutir o papel dos celulares no mundo contemporâneo: *Smart mobs: The next social revolution* (Multidões inteligentes: a nova revolução social). Um deles – certamente o mais poderoso – refere-se à deposição do Presidente Joseph Estrada das Filipinas:

“Em 20 de Janeiro de 2001, o Presidente Joseph Estrada das Filipinas tornou-se o primeiro chefe de estado na história a perder o poder para uma multidão inteligente (‘smart mob’). (...) mobilizados e coordenados por ondas de mensagens de texto, (...) milhares de Filipinos se dirigiram para a Avenida Epifanio de los Santos, conhecida como ‘Edsa’, durante a hora que se seguiu às primeiras mensagens de texto: ‘Vá para EDSA, Vista preto’ (‘Go 2EDSA, Wear blk’). Ao longo de quatro dias, mais de um milhão de pessoas apareceu, a maior parte vestida de preto. Estrada caiu.” (Rheingold, 2003, pp. 157-158, minha tradução).

Embora Rheingold registre as modificações que os celulares podem introduzir no que chama de “geografia social”, na medida em que são cada vez mais usados para a

manutenção do contato à distância (muitas vezes às expensas da comunicação presencial), é a essa capacidade de conexão imediata e multiplicadora da telefonia celular que dá maior ênfase. Na realidade, é ela que dá título ao livro, pois multidões orquestradas por mensagens de texto via Internet ou celulares, como aquela que derrubou o presidente filipino, são o que ele chama de *smart mobs*.

Outros resultados de pesquisas são também muito interessantes para os propósitos da presente discussão. Isso porque enfatizam o nomadismo e a fluidez característicos do mundo contemporâneo. Seguem-se alguns exemplos.

Ito (2001), uma pesquisadora japonesa, pôde constatar que o planejamento dos compromissos dos jovens de Tóquio se tornou fluido. Já Ling (2004) e Mäenpää (2001), pesquisadores escandinavos, registraram um fenômeno análogo entre seus jovens conterrâneos. Mäenpää faz uma observação arguta a respeito da íntima conexão entre tempo e lugar no que diz respeito aos celulares.

“O futuro não é mais concebido como algo que consiste de momentos exatos mas sim de lugares-no-tempo aproximados que estão abertos à negociação de acordo com a situação.” (Mäenpää, 2001, p. 107, minha tradução)

Observe-se que, nesses casos, a fluidez se refere a encontros no mundo físico/ real cujo planejamento se tornou fluido por conta da possibilidade que os usuários de celulares têm de manter contato uns com os outros e combinar onde se encontrar pouco antes de fazê-lo. Há, portanto, uma fluidificação virtual dos arranjos para que encontros aconteçam no espaço físico tradicional.

Uma pesquisa brasileira recente vem corroborar esses resultados internacionais no que diz respeito à grande fluidez dos contatos entre jovens que resultam em encontros nos mais diversos pontos do espaço físico. Esta mesma pesquisa, acrescenta, no entanto, novas dimensões à discussão dos espaços contemporâneos, dimensões essas que serão discutidas após a apresentação dos resultados.

A pesquisa

Há semelhanças e diferenças entre a pesquisa a ser relatada e aquelas realizadas com jovens escandinavos e japoneses descritas acima. As semelhanças se devem ao fato de todas serem estudos exploratórios bem como de todas terem jovens como seus principais sujeitos. Já as diferenças correm por conta de seus objetivos. Enquanto as pesquisas

escandinavas e japonesas tinham como objetivo investigar os impactos dos celulares sobre o *comportamento* dos jovens de seus grandes centros urbanos, a presente pesquisa tinha como principal finalidade a identificação dos impactos que os celulares vêm tendo na própria *organização subjetiva* dos jovens de um grande centro brasileiro, o Rio de Janeiro. Este propósito, por sua vez, tornou necessária a concentração da pesquisa em torno de um pequeno grupo de jovens usuários – aqueles das camadas médias (que são as que mais acesso têm às novas tecnologias) da cidade do Rio de Janeiro – de modo a atingir a profundidade desejada.

Metodologia

- Sujeitos

A decisão de estudar um número pequeno de sujeitos levou-nos a estabelecer critérios de recrutamento que tornassem o grupo o mais homogêneo possível. Os sujeitos deveriam ter entre 18 e 25 anos de idade, deveriam ter celular próprio há no mínimo um ano (ou seja, deveriam ter bastante experiência em usá-los para que seus impactos se fizessem notar), e deveriam morar com outras pessoas – pais, avós, etc. (de modo a que a dinâmica familiar pudesse ser observada)⁴. Não foram feitas quaisquer restrições a sexo ou profissão. Estes dados foram, no entanto, coletados.

Com base nesses critérios, foram recrutados vinte sujeitos, 14 mulheres e 6 homens. Suas idades variavam entre 18 e 25 anos. À exceção de uma advogada de 23 anos, todos eram estudantes. Seu tempo de uso de celulares variava entre 2 e 9 anos. A todos foram atribuídos nomes fictícios para a preservação de seu anonimato.

- Coleta de dados

Os dados foram coletados por meio de vinte entrevistas individuais de cerca de uma hora de duração. As entrevistas foram realizadas em locais escolhidos pelos próprios sujeitos e tiveram um tom informal de modo a que os entrevistados se sentissem suficientemente descontraídos para revelar ao pesquisador suas opiniões, pensamentos e sentimentos (Labov, 1972; Nicolaci-da-Costa, 1989).

⁴ É necessário observar que os jovens das camadas médias urbanas brasileiras com perfil análogo ao dos participantes da pesquisa tendem a viver com suas famílias de origem muito além do período da adolescência.

A entrevista era levada a cabo tendo como base um roteiro composto de 30 itens principais que contemplavam os objetivos exploratórios da pesquisa. As perguntas, geradas a partir desses itens, eram formuladas durante a própria entrevista para evitar que fossem lidas e, em consequência, soassem artificiais (a entrevista deveria se assemelhar tanto quanto possível a um bate-papo informal). Esses 30 itens/perguntas poderiam ser desmembrados em outros, para maior aprofundamento. A maior parte dos itens/perguntas eram abertos (ou seja, permitiam qualquer tipo de resposta). Quando necessários, eram incluídos itens/perguntas fechados (cujas respostas são sim e não), sempre seguidos de perguntas de aprofundamento, como: “por quê?”; “como?”; “onde”, etc. Os itens/perguntas do roteiro eram agrupados nos seguintes blocos temáticos: *diferenças entre o telefone fixo e o celular* (quais as principais diferenças, quando usa um ou outro e por quê, etc.); *como o entrevistado faz uso de seu celular* (qual sua rotina de uso); *como o entrevistado se relaciona com seu celular* (se o empresta, como se sente quando está sem ele e por quê, etc.); *privacidade e intimidade* (se houve alterações a partir do uso do celular, quais, por quê).

- Análise dos dados

Todas as entrevistas foram integralmente transcritas e, em seguida, submetidas às técnicas de análise qualitativa de discurso, desenvolvidas por Nicolaci-da-Costa (1989, 1994, 2003). Essa análise é realizada em duas grandes etapas: inter-sujeitos e intra-sujeitos. Na primeira, são feitas comparações entre as respostas dadas pelos vários sujeitos a cada um dos itens/perguntas do roteiro, procedimento esse que já fornece ao pesquisador uma visão panorâmica dos depoimentos gerados por cada um desses itens/perguntas. Em seguida, na etapa da análise intra-sujeitos, são analisadas, como um único conjunto, as respostas de cada um dos sujeitos. Tal análise permite a identificação de possíveis conflitos de opinião, inconsistências entre respostas, sentimentos contraditórios, etc. O *insight* ganho nesta segunda etapa serve de base para uma re-análise das respostas dadas por todos os sujeitos a cada uma das perguntas. Estas idas e vindas entre as duas etapas podem ser repetidas quantas vezes forem necessárias para permitir o conhecimento aprofundado do material coletado.

Resultados relevantes

Como já mencionado, nossos resultados vêm ao encontro daqueles obtidos nos estudos internacionais relatados anteriormente. Tal como naqueles, foi possível constatar a fluidificação virtual dos contatos físicos entre jovens dotados de grande mobilidade. Essa mobilidade, que tem o celular como infra-estrutura, por sua vez, gera a uma sociabilidade instantânea, nômade e fluida também muito semelhante àquela encontrada por Ito (2001), Ling (2004) e Mäenpää (2001), descrita nas primeiras seções deste artigo.

Esta mesma pesquisa brasileira acrescenta, no entanto, novas dimensões à discussão dos impactos dos celulares sobre seus jovens usuários. Vejamos.

Todos têm seus celulares sempre por perto

Em primeiro lugar, nossos resultados permitem entrever minúcias do uso cotidiano que esses jovens fazem de seus celulares. Examinemos algumas dessas minúcias.

Todos os entrevistados têm seus celulares sempre por perto (geralmente na bolsa, no caso das mulheres, ou no bolso da calça ou bermuda, no caso dos homens). Flávia⁵ explica em detalhes onde está seu celular em diferentes situações de rotina:

“Eu durmo com o celular do lado da cama, geralmente meu namorado me liga de madrugada, tipo de noite e tal, ou alguém pode me ligar de madrugada, aí o celular fica do lado da cama. Eu acordo, pego o celular ponho ele dentro da bolsa, venho para faculdade de ônibus ou de carona com a bolsa. Então, eu pego o celular. Durante as aulas eu ponho ele no meu colo e no estágio eu deixo ele em cima de uma mesa, para os outros estagiários atenderem (...) mas tem que estar sempre visível, sempre perto.”

Bruno ainda vai mais longe. Admite carregar seu celular até para o banheiro:

“Ando com ele pra cima e pra baixo, em qualquer lugar que eu tiver eu tô com o celular, no banheiro eu tô com celular, pode ligar que vai me achar e eu não desligo pra dormir.”

Tal como Flávia e Bruno, a grande maioria dos entrevistados nunca desliga seus celulares (os poucos que o fazem, desligam-nos somente para dormir). Os depoimentos de Juliana e Bianca são típicos. Juliana mantém seu celular ligado:

“... sempre, até de madrugada. É raro, é raríssimo deixar ele desligado...”

Bianca faz o mesmo, deixa seu celular ligado o tempo todo. Não desliga:

“... nem no curso, nem no cinema, sempre deixo pra vibrar. Você só vai encontrar meu celular desligado se tiver acabado a bateria e eu tiver na rua.”

⁵ Todos os nomes são fictícios.

Autonomia e liberdade de ir e vir

O fato de terem seus celulares sempre por perto dá aos nossos jovens entrevistados grande autonomia e liberdade de ir e vir.

Ao longo do dia e mesmo ao longo da noite vão aonde querem e à hora que querem. Apesar de ainda estarem sob a guarda dos pais, ganharam essa autonomia e liberdade porque estes passaram a poder controlá-los à distância. Sabem que, ao menos em princípio (em princípio porque, como veremos abaixo, eles nem sempre atendem os telefonemas dos pais), sempre podem achá-los independentemente da hora e de onde estejam.

Os melhores indicadores dessa dilatação da autonomia e liberdade individual dos nossos entrevistados em relação às gerações de jovens que os precederam podem ser encontrados em seus – vários – depoimentos sobre como se ressentem dos telefonemas dos pais, que os jovens vêem como uma invasão ou uma forma de cercear sua liberdade.

Sandra, de apenas 18 anos,⁶ por exemplo, se sente tão invadida que às vezes desejaria não ter um celular porque:

“[É] um saco, sabe... é um saco ficar recebendo ligação da mãe perguntando onde você tá, que horas vai voltar, te controlando...”

O mesmo tipo de reação pode ser encontrado no depoimento de muitos entrevistados, inclusive no de João, também de 18 anos de idade. Ele admite atender todos que ligam à exceção dos pais.

“Eu atendo [meus pais], mas é na má vontade... já aconteceu de eu não atender [não atender] e tal...”

Os celulares ainda lhes propiciam burlar outros tipos de controle dos pais. Todos os entrevistados jamais atendem uma chamada sem antes identificar quem está chamando (no visor ou através de toques diferenciados). Quando identificam que são os pais que estão chamando, muitas vezes não atendem e outras se *preparam* para atender de modo que eles não percebam que estão fazendo alguma coisa que desaprovam.

Novamente, é João quem coloca o que a maioria faz em palavras de um modo claro. Afirma olhar quem está chamando no visor:

“... para saber se é minha mãe e se é meu pai também. Para me preparar para atender... de repente eu tô bêbado, ... aí eu tenho que fazer uma voz melhor.”

⁶ Aos 18, jovens brasileiros como os nossos sujeitos ainda são muito controlados pelos pais.

Já Viviane, de 21 anos, usa toque diferenciado para a mesma finalidade:

“Tipo, tô tomando um porre, toca aquele toque. Caraca minha mãe! Deixa eu dar uma melhorada.

Esses e muitos outros depoimentos semelhantes evidenciam que esses jovens desfrutam de uma autonomia e de uma liberdade individual impensáveis até poucas gerações atrás. Essa autonomia e essa liberdade, por sua vez, têm como consequência a vivência interna de um espaço fluido, sem fronteiras ou limites, a não ser aqueles que seus pais procuram lhes impor e que eles se recusam a aceitar.

Os celulares tornam o acesso à sua rede social fácil, personalizado, íntimo e passível de constantes re-configurações

Nossos jovens entrevistados são nômades que, de forma distinta da dos nômades tradicionais, não têm que se restringir à companhia daqueles que com eles se movimentam. Isso porque carregam consigo, armazenado em seus celulares, o acesso aos membros de sua rede social (o que torna irrelevante onde eles próprios ou esses membros estão).

Estão sempre disponíveis para praticamente todos e só não atendem as chamadas que recebem quando realmente não podem fazê-lo (como, por exemplo, durante provas). Podendo atender, eles olham o visor e atendem independentemente de identificarem ou não quem está chamando (a não ser que sejam os pais para controlá-los, como visto anteriormente).

Olhar o visor pode parecer estranho na medida em que sempre atendem. Há, no entanto, uma importante razão para esse comportamento. Olhando o visor e identificando quem está chamando, eles atendem de forma personalizada, o que dá a ambos os interlocutores a sensação de proximidade e intimidade (é como se estivessem na companhia um do outro). Vanessa e João explicam.

Vanessa diz que olha o visor:

“... porque eu quero saber quem tá me ligando e ... não sei, é mais fácil de atender também, você vê que ... vê por exemplo, é uma amiga minha, já falo ‘Oi, fulaninha!’”

E João complementa. Ele faz isso para:

“Saber quem é para falar: ‘Oi fulano!!!’. Fazer uma piada e tal...”

Para que isso possa acontecer, nomes e telefones têm que estar armazenados na agenda dos celulares. Na maior parte das vezes, os entrevistados usam a capacidade de suas agendas (que os fabricantes de celulares tornam cada vez maior) ao limite.

Carla, por exemplo, afirma, com um certo orgulho, que a sua agenda:

“Tá lotada, não cabe mais nenhum. Acho que são cem.”

Outra entrevistada, Cecília, afirma só armazenar os telefones das pessoas para quem liga mais. Acaba revelando, no entanto, que armazena vários outros. Ter a agenda cheia parece ser uma medida de popularidade. Na época da entrevista, Cecília tinha armazenados os números de 99 pessoas. E achava que tinha poucos:

“É, mas olha e eu acho que tem pouco sabe? Mas são as pessoas ou que eu ligo mais ou que me ligam mais, sabe? Óbvio, eu acho que dessas 99, eu acho que uns 60% são pessoas que eu tenho muito contato outras eu tenho porque é aquela coisa assim...Você encontra alguém no meio da rua, nunca mais a gente se falou não sei o que, qual seu telefone e anota.”

Com tantos números armazenados, fica difícil não identificar quem está chamando e as formas de atender raramente são impessoais como no caso do telefone fixo sem identificador de chamadas.

Não são, porém, somente as formas de atender que são personalizadas. A difusão e a popularização dos celulares dão lugar a uma nova forma de personalização das chamadas: a do acesso direto e imediato à pessoa com quem se deseja falar. Os jovens entrevistados da pesquisa deixaram muito claro que não gostam de intermediários. Por isso, entre ligar para o fixo ou para o celular de uma pessoa, geralmente optam pelo celular. (Caso o custo fosse o mesmo, muito provavelmente sequer pensariam em fazer ligações para ou de telefones fixos.)

Tomando os atalhos da área de trabalho do Windows como metáfora, pode-se dizer que ligar para o celular é o mesmo que usar uma forma de atalho para se ter acesso direto ao interlocutor desejado.

Carla revela como usa o celular com esse tipo de finalidade

“A galera tá assim, geral, às vezes eu me pego fazendo isso também: eu vou ligar pra fulana, eu quero achar ela, vou ligar pro celular, porque eu sei que mesmo que ela esteja em casa, ela vai tá com o celular ligado no quarto. Então, tipo, aí eu falo ‘ah, você tá em casa, então eu ligo pra aí’... Às vezes eu quero falar [com a minha mãe] e [ela] tá no trabalho, então no escritório dela é assim, a telefonista passa pra secretária dela que passa pra ela. Saco! Quero falar com ela. Aí, eu prefiro, tipo, tentar o celular dela, aí eu já falo direto com ela.”

Mateus e a maior parte dos outros entrevistados também têm a mesma opinião.

Mateus a coloca de forma compacta:

“O celular você liga para a pessoa e acha, vai direto ao ponto, tem a certeza de que a pessoa vai atender, e o fixo, é... o fixo. Você liga para a pessoa e atende alguém da casa, tem que pedir par chamar. Celular, a pessoa ligou é para mim.”

Essa rede social também não é estática. Pode ser facilmente re-configurada. Segundo vários dos entrevistados, os celulares tornam fáceis tanto a inclusão quanto a exclusão de alguém de suas agendas. Em outras palavras, os celulares permitem que sua rede social também se torne flexível. Isso fica claro no depoimento de Paula:

“Por exemplo, eu conheço um cara na noite, aí fico com ele, aí pego o telefone dele. Aí, por exemplo, dali a duas semanas eu paro de falar com ele, no telefone. Aí, sei lá, depois de um tempo eu apago o nome dele...”

Os celulares permitem a manutenção de espaços de privacidade e intimidade antes inexistentes

O próprio celular já se configura como um espaço privado para os jovens entrevistados. Isso porque em seu *espaço de armazenamento*, além dos números de telefone de amigos, conhecidos, etc., ficam registradas as chamadas dadas e recebidas bem como as mensagens trocadas entre seus donos e outros usuários de celulares ou computadores, etc. Por esses motivos, chegam mesmo a compará-los a diários.

Para preservar sua privacidade, eles não emprestam seus celulares nem deixam que outros neles mexam sem permissão. Felipe dá um bom exemplo. Falando a respeito de privacidade diz:

“... privacidade pra mim é eu falar com uma pessoa, entendeu, manter anotado coisas, anotações minhas, os telefones dos meus amigos, das pessoas com quem eu lido diariamente, que me deram telefone delas, entendeu,? Esses são os dados confidenciais, que eu realmente gostaria que ninguém tivesse... Se a pessoa mexe ali [no celular], eu já vou ficar com o pé atrás com aquela pessoa... É, [uma coisa] privada, não gostaria que lessem o seu diário, gostaria?”

Mas os celulares criam outros espaços virtuais de privacidade que corroboram a sensação interna de viver em um espaço fluido, sem fronteiras ou limites. O uso de recursos como o dos *atalhos*, ou da eliminação dos intermediários discutida acima – resulta na criação de espaços privados que não têm uma contrapartida física convencional. O mais importante desses espaços é o da *privacidade individual em relação à família*, tanto fora quanto dentro de casa.

Quando fora de casa, os jovens recebem todos os telefonemas que lhes são destinados em seus celulares. Geralmente atendem independentemente de onde estejam e não parecem se preocupar com falar ao telefone em público (nenhum dos entrevistados mencionou esse tipo de conversa como uma exposição da privacidade). Se a conversa for privada, no máximo procuram ir para um lugar mais reservado.

Ainda quando estão fora de casa e não podem atender, eles têm como saber quem chamou mesmo que não haja mensagens em sua secretária eletrônica virtual (pois as chamadas perdidas ficam gravadas). Assim sendo, seus amigos raramente telefonam para seus telefones fixos e raramente deixam recados em suas casas. Quase todos os jovens que participaram da pesquisa têm consciência de que fornecer aos outros somente seus números de celulares protege sua privacidade da curiosidade de seus familiares.

Carla é uma que demonstra ter esse tipo de consciência. Afirma, por exemplo, preferir dar o número do seu celular para um jovem que acabou de conhecer porque:

“Menino que... eu conheci, eu não vou querer que minha mãe fique sabendo de cara... Em primeira instância, eu não quero que a casa inteira fique sabendo e fique perguntando ‘quem é fulano que ligou e deixou recado?’.”

Viviane faz a mesma coisa. O primeiro telefone que dá para quem acabou de conhecer é o de seu celular. Explica por quê:

“Porque, bem ou mal, se eu der o telefone fixo, ainda mais eu que passo muito tempo longe de casa, minha mãe que vai atender, entendeu. Pô, às vezes eu conheço um cara, aí dá o telefone pro cara, entendeu, cada hora um ligando par minha casa, é chato. (...) eu acho melhor assim, tipo, é minha privacidade...”

Quando estão em casa, os atalhos continuam a operar. Na maior parte das vezes, os entrevistados jamais desligam seus celulares e os poucos que o fazem, desligam-nos exclusivamente para dormir. Colocam seus telefones em seus quartos e ficam livres para dar e receber chamadas sem intermediários e independentemente da hora. São inúmeros os depoimentos que falam desses telefonemas em horários em que seria impossível darem ou receberem telefonemas do telefone fixo, o *da casa*, sem importunar toda a família.

Roberta é uma das que torna explícito como seu celular lhe dá liberdade e protege sua privacidade. Ela usa o celular em casa:

“Quando tá muito tarde e meus pais vão brigar comigo se eu usar o telefone, vão dizer que não é hora de ligar para ninguém. Ontem mesmo eu quis ligar para o meu namorado de madrugada, e não ia ligar para casa dele, então liguei para o celular dele, mas depois eu ia ter que explicar porque liguei para celular de madrugada, então liguei do meu celular mesmo.”

Cecília declara que é raro, mas já atendeu muito telefonema de madrugada. Sua última experiência não foi boa mas, em geral não se incomoda. Em seu caso, as pessoas ligam para o celular apesar de muitas saberem que existe um telefone fixo só para ela em seu quarto.

“... minha experiência, a última, não foi muito boa, mas as outras vezes foi, assim, um amigo meu porque tava chateado...Uma vez uma amiga minha tava, tinha ido pro hospital e aí tava pedindo pra

eu ir lá ajudar. Nessa situação eu acho até bom, eu me sinto útil, sabe? Eu tenho um telefone só pra mim no meu quarto e [as pessoas sabem] que ligar pra ele não vai acordar ninguém na casa, mas eu acho que se não tivesse o celular, de repente as pessoas ficariam mais constrangidas de ligar lá pra casa.”

E Cecília complementa com uma afirmação que parece valer para todos os entrevistados:

“Quanto mais tarde, entendeu, mais o avançar das horas, acho que as pessoas tendem a ligar para o celular.”

Tanto na rua quanto em casa, portanto, os celulares geraram novos espaços de privacidade para esses jovens que não têm como contrapartida um espaço físico privado, como acontecia até bem pouco tempo. Na rua, instaurou aquela que poderia ser chamada de privacidade em público. Já em casa, promoveu a sociabilidade fácil ao longo do dia e, principalmente, da noite. São raríssimos os casos em que esses jovens sentem que os celulares geraram maiores possibilidades de invasão da sua privacidade e, quando isso acontece, atribuem a invasão ao controle dos pais.

Os celulares são vistos como pessoais e intransferíveis

Finalmente, os celulares se tornaram tão importantes na vida desses jovens que eles afirmam não mais saberem viver sem os mesmos.

Paula, por exemplo, faz a seguinte descrição da importância que o celular tem no seu dia-a-dia:

“Não consigo sair de casa, eu não fico sem celular, parece que eu **tô sem calcinha, sem cabeça**... Se eu sair sem o celular eu dou um jeito, volto... Ficar sem bateria é um desespero porque, ao mesmo tempo que eu quero falar com as pessoas, as pessoas querem falar comigo... Então, é imprescindível, eu acho que hoje em dia a maioria da população que usa celular não consegue mais ficar sem ele. [O celular] vicia, faz parte do corpo quase.”

Este depoimento expressa de forma exemplar o que praticamente todos os nossos entrevistados sentem. E esse sentimento é mais uma, e talvez a principal, razão (a outra é a preservação da privacidade, vista acima) para que nunca emprestem seus celulares a não ser para chamadas curtas em sua presença.

Bruno dá um depoimento singelo e elucidativo a esse respeito. Quando revela não emprestar seu celular, pergunta:

“... e as ligações que eu vou receber (risos)? Como é que eu vou me comunicar com o mundo (risos)?”

Conclusão

Fazendo uso das contribuições de Meyrowitz (1999) discutidas no início deste artigo, podemos afirmar que, tal como no caso das pesquisas de Rheingold (2003), Ito (2001), Ling (2004) e Mäenpää (2001), nossos resultados tornam evidente que a membrana que separava o domínio da realidade física daquele da realidade virtual se tornou poroso e permeável. Tanto no caso dos jovens noruegueses, finlandeses e japoneses, quanto no caso dos jovens cariocas que entrevistamos, o uso constante da comunicação virtual por meio dos celulares fluidifica a movimentação física e com ela se confunde.⁷

Mas não é somente isso que nossos resultados apontam. Eles também mostram que os celulares estão gerando modificações de ordem interna nos nossos entrevistados.

Em primeiro lugar, o uso que fazem dos celulares parece estar promovendo a emergência de sensações de autonomia e liberdade bastante precoces pelos padrões tradicionais brasileiros. E, ainda no caso desses jovens, há indícios de que essas sensações podem resultar em uma vivência de emancipação em relação aos pais que não corresponde à tradicional expectativa de independência financeira e emocional.

Em segundo lugar, de forma consistente com a literatura que aponta a fluidez como uma das principais características da era atual (Bauman, 2001; Deleuze & Guattari, 1997), nossos resultados sugerem que os celulares geram nos jovens participantes da pesquisa a sensação de uma sociabilidade ininterrupta e contínua, na medida em que, ao menos potencialmente, estão sempre acompanhados pelos membros de sua rede social (aos quais podem ter acesso instantâneo, personalizado e íntimo quando quer que o desejem). Em consequência, para eles muito provavelmente a solidão só existe quando não estão de posse de seus celulares (Nicolaci-da-Costa, 2003).

Finalmente, os mesmos resultados revelam que a telefonia celular está possibilitando a manutenção de espaços de privacidade e intimidade que não têm contrapartida física, a não ser aquela contida na cada vez mais disseminada afirmação: “Estou no celular”. Em outras palavras, os celulares estão gerando espaços de privacidade e

⁷ Esse mesmo uso constante da comunicação virtual por meio dos celulares também gera uma sociabilidade de todos os instantes que lembra aquela característica de uma vida comunitária hoje praticamente extinta nos grandes centros urbanos mundiais (Nicolaci-da-Costa, 2003).

intimidade exclusivamente virtuais que podem ter importantes conseqüências para a organização psicológica desses sujeitos.

Não é à toa, portanto, que esses jovens se sentem perdidos quando não têm seus celulares por perto. De fato, estes aparelhos se configuram como a condição de possibilidade de sua própria existência na realidade fluida e flexível de sua rede social e, talvez principalmente, como *âncoras de sua identidade* nesta nova realidade. À guisa de testemunho final, vêm a calhar as palavras da jovem Sandra: “*Tudo o que tenho de fixo na vida é meu celular.*”

Referências:

- Almeida, M. I.M. e Tracy, K. M. A. (2003). *Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Augé, M. (2001). *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus.
- Bauman, Z. (1997). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (1999). *Globalização e suas conseqüências*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Castells, M. (2000 a). *A sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2000 b). *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1997). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, volume 5. São Paulo: Editora 34.
- Eagleton, T. (1996). *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Ito, M. (2001). Mobile Phones, Japanese Youth, and the re-placement of social contact. *Society for the Social Studies of Science Meetings*, Boston, 2001
- Jameson, F. (1991). *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática.
- Labov, W. (1972). The logic of nonstandard English. Em Labov, W., *Language in the inner city* (pp. 201-240). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Lévy, P. (1998). *Quést-ce que le virtuel?* Paris: Editions La Découverte & Syros.
- Ling, R. (2004). The mobile connection: The cell phone's impact on society. San Francisco: Morgan Kaufmann.

Mäenpää, P. (2001). Mobile communication as a way of urban life. Em A. Warde & J. Gronow (eds.), *Ordinary consumption*. Londres: Routledge.

McLuhan, M. & Powers, B. (1986). *The global village: transformations in world life and media in the 21st century*. New York: Oxford University Press.

Meyrowitz, J. (1999), Global permeabilities. Em Larreta, E.R. (Org.), *Media and social perception* (pp. 423-441). Rio de Janeiro: UNESCO, ISSC, EDUCAM.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (1989). Questões metodológicas sobre a análise de discurso. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 4 (1/2), 103-108.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (1994). A análise de discurso em questão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10 (2), 317-331 .

Nicolaci-da-Costa, A.M. (1998). *Na malha da Rede: Os impactos íntimos da Internet*. Rio de Janeiro: Campus.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2003). Jovens e celulares: a cultura do atalho e da sociabilidade instantânea. Trabalho apresentado no *Seminário Culturas Jovens e Novas Sensibilidades*. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes.

Plant, S. (2002). *On the mobile: The effects of mobile telephones on social and individual life*. Disponível em <http://www.motorola.com/mot/documents/0.1028.296.00.pdf> [Acesso em 20 mai 2002].

Rheingold, H. (2003). *Smart mobs: the next social revolution*. Cambridge, Mass.: Perseus Books.

Roberts, S; Crabtree, J. & Nathan, M. (2003). *MobileUK - Mobile Phones and Everyday Life*. Disponível em http://www.theworkfoundation.com/research/isociety/MobileUK_main.jsp [Acesso em 12 mar 2003].

Sennett, R. (1998). *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.

Virilio, P. (1993). *O espaço crítico*. São Paulo: Editora 34.

Wertheim, M. (2001). *Uma história do espaço de Dante à Internet*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.